

As Reconfigurações Históricas de um Campo

*“[...] Penso que o mal dos povos, o mal de nós todos, é só aparecermos à luz do dia no carnaval, seja o propriamente dito, seja a revolução. Talvez a solução se encontrasse numa boa e irremovível palavra de ordem: **povo que desceu a rua, da rua não sai mais**. Porque a luta foi sempre entre **duas paciências: a do povo e a do poder**. A paciência do povo é **infinita** e negativa por não ser mais do que isso, ao passo que a paciência do poder, sendo igualmente infinita, apresenta a “positividade” de saber esperar e preparar os regressos quando o poder, acidentalmente, foi derrotado” (Saramago, 2017, p.21. Grifos nossos).*

Nos últimos meses, a *realpolitik* tem oferecido aos brasileiros uma profusão de negociações, abordagens e discursos que beiram o *nonsense*. Do fim de programas educacionais, ameaças de fechamento de universidades, promessas de “cura gay” e de um provável retorno dos militares ao poder, passando pelos ataques a uma concepção democrática de educação, como os violentos ultrajes ao legado teórico de Paulo Freire – tido por certos grupos de extrema-direita como um tipo de doutrinador demoníaco para uma suposta comunização do país. O Brasil tem seguido, de ataque em ataque, em estado letárgico, com pouca ou nenhuma condição de reação, quando muito, esboçamos um sussurro para convertidos, que reproduzem em suas redes um mais do mesmo.

A área de Educação de Jovens e Adultos, historicamente frágil do ponto de vista político e de financiamento, parece esperar pelo momento em que será alvo de ataques mais explícitos. Apesar de sermos um campo de discurso político, permanecemos reverberando esse mais do mesmo e, tal como a população brasileira, estamos esperando pelo momento em que propostas surreais batam à nossa porta, às quais, talvez, não consigamos resistir.

Resistência parece ser o mote para o momento, porque nunca foi tão necessário aprendermos e ensinarmos a resistir. Resistir como produção de um discurso público sobre o tempo presente, no qual se apresenta os termos, as interpretações do campo para quem não é dele, para quem não foi “convertido” e, por isso, precisa saber do que é feito nesse campo, do que vem sendo produzido enquanto teoria — produção e interpretação de nossa gramática de mundo — e análise social, pois sem que os outros entendam nossas demandas estaremos, outra vez, pregando para convertidos, falando para as claques, e esse é um dos males que precisamos combater para aprendermos a resistir.

Talvez o primeiro passo para aprendermos a resistir seja perdermos o medo de nos expressarmos por meio da escrita e da fala em dimensões públicas. Temos procurado comunicar e tensionar o que dizer, ou seja, trazendo pesquisas

que avancem no seu fazer com os sujeitos pesquisados e não que apenas falem sobre eles.

A Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos pretende ser um canal para que essas escritas e falas se materializem, entrem em diálogo. Temos sido também outro espaço de resistência, no qual se exercitam formas diferentes de resistir, como a recusa, a refutação, a reorientação, a releitura, a reescrita e os constantes pedidos de reconsideração.

Este primeiro número de 2017 apresenta uma série de mudanças significativas do ponto de vista editorial. Primeiro, reformulamos a política editorial da revista, no sentido de avançarmos nos processos de internacionalização, de standardização e de colaboração com outras revistas, universidades e centros de investigação nacionais e internacionais. Segundo, reformulamos nossas Diretrizes, adotando agora a norma APA e uma editoração derivada do *template* da Springer, além de passarmos a publicar três números anuais. Terceiro, estamos reconfigurando nossa equipe editorial, procurando dar termo ao caráter multi-institucional do periódico. Todas essas mudanças visam a atender nossas próprias ambições de sermos um veículo qualificado para a publicação do diálogo público sobre a Educação de Jovens Adultos, no âmbito da América Latina e, ao longo do tempo, do mundo. Outras mudanças vão ocorrer nos próximos números e nos próximos anos, todas nessa mesma direção.

O atual número apresenta outra mudança significativa: será o primeiro a publicar um dossiê. E começamos com o Dossiê *Pedagogía y Desarrollo Humano*, proposto pelo professor Miguel Alberto González González, da *Universidad Católica de Pereira*, Colômbia, que apresenta um amplo panorama dos estudos produzidos sob a chave do desenvolvimento humano no país latino-americano, cuja influência de Amartya Sen e de Martha Nussbaum dá fluência às necessidades de se pensar com preocupação a educação, enquanto país em crescimento e segunda economia da América do Sul. Junto com esses estudos, a Revista traz textos de pesquisadores de universidades brasileiras — todos empenhados em pensar a EJA sob diferentes perspectivas.

O primeiro deles, Aprendendo com histórias de vida — um estudo sobre biografias e autobiografias, de Maria Margarida Machado, objetiva “aprofundar o uso do recurso metodológico de análise das histórias de vida pelos estudos biográficos e autobiográficos, bem como pela sistematização de conhecimentos e experiências para identificar as potencialidades e os limites desses recursos na compreensão da produção de conhecimento dos educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas relações que podem ser estabelecidas entre conhecimentos prévios e os conhecimentos novos, produzidos no processo ensino-aprendizagem e nas suas experiências de trabalho e vida”.

Em seguida, apresentamos o artigo A Emergência da Escola de EJA de Vitória/ES e as Políticas de Alfabetização: a primazia da prática, de José Alves Rodrigues e Edna Castro de Oliveira, que “focaliza as políticas de alfabetização — da UNESCO, do Estado brasileiro, do município de Vitória e de uma escola exclusivamente de EJA, tendo como objeto para a concentração do olhar as concepções de alfabetização que balizaram tais políticas.”

O terceiro artigo, O Impacto de Aplicativo Móvel sobre a Aprendizagem de Operários, de Timothy D. Ireland , Dietmar K. Pfeiffer e Daniele dos Santos F. Dias é o resultado de uma da pesquisa que buscou “avaliar o impacto de celulares como ferramenta pedagógica complementar sobre competências digitais, letramento, satisfação na aprendizagem e taxa de evasão de alunos adultos em cursos de alfabetização. Um aplicativo foi implantado em duas salas de aula da Escola Zé Peão, em João Pessoa/PB”.

Em seguida, apresentamos o artigo Ensino de Matemática na formação do pedagogo: aprendizagem móvel com a utilização do QR CODE de Carloney Alves de Oliveira – estudo que aponta para a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas capazes de dar conta das especificidades relacionadas ao ensino de Matemática, superando o paradigma educacional vigente e estando mais perto do contexto dos sujeitos. Possibilidade de pensar a matemática com os educandos da EJA.

Encerramos o número, muito a propósito do momento em que vivemos, no Brasil, repetindo o feito de publicar uma entrevista de Paulo Freire em suas andanças por territórios, nos idos de 1983. Uma “entrevista conversada,” realizada por um grupo de professores da Autarquia Universidade do Sudoeste, embrião da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista. Trata-se de um texto que situa o partido político como pedagogo. Um relato de suas experiências em Diadema, no Brasil e no mundo, articulando educação e política, educação e conscientização, nos ensinando que “os trabalhadores são intelectuais a sua maneira, que o trabalhador, numa perspectiva revolucionária, tem o direito de saber melhor o que já sabe e de saber o que ainda não sabe” - Os jovens e os adultos trabalhadores têm esse direito, cada um de nós o tem!

Recorrendo a Saramago, em suas conversas com Jorge Amado, com o mar pelo meio, “[...] Penso que o mal dos povos, o mal de nós todos, é só aparecermos à luz do dia no carnaval, seja o propriamente dito, seja a revolução” (2017, p.21), reiteramos o convite para continuarmos o exercício da resistência, trazendo nossas escritas em dimensões públicas - nos enviemos o resultado de suas pesquisas!

Referências

Amado, P. J.; Capinan, B.; Viel, R. (org.). Jorge Amado e José Saramago Com o mar por meio: uma amizade em cartas/ Jorge Amado e José Saramago. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

Rodrigo Matos de Souza (UnB)
Maria de Fátima Mota Uripia (UNEB)
Maria José de Farias Lins (UNEB)
Marinaide Lima de Queiróz Freitas (UFAL)
Geórgia Nellie Clark (UFRB)